

Gestão de Museus

Breve História (1)

AGECAL

Na Antiga Grécia “museion” significava o lugar das musas, protectoras das artes e das ciências, onde se reuniam sábios e conhecimentos de todas as disciplinas

Na Idade Média predominaram os tesouros religiosos e as relíquias de santos. As catedrais e igrejas eram os principais locais de exposição de objectos artísticos.

Durante o Renascimento aparecem as coleções reais, da aristocracia e da Igreja, objetos produzidas pelo homem (*artificialia*) ou pela natureza (*naturalia*). Em muitas cidades da Europa “gabinetes de curiosidades” e também as primeiras galerias de arte. Os visitantes desses espaços, embrionários dos atuais museus, eram os próprios donos ou seus convidados, sendo excepcionalmente abertos ao público em ocasiões especiais.

Em 1564 a Galeria dos Uffizi em Florença, projeto de Giorgio Vasari, de planta rectangular com três alas contínuas, foi o primeiro edifício especialmente desenhado para a função museológica.

Nos séculos XVII e XVIII os palácios começaram a integrar galerias onde se guardavam pinturas de artistas de renome e também objectos valiosos. A Grande Galeria do Louvre foi inaugurada em 1793 por Napoleão Bonaparte.

Os acervos resultantes das conquistas militares e da colonização começaram a ser exibido em edifícios adaptados para fins expositivos. Objetos retirados dos contextos de origem foram colocados nas capitais imperiais, como um obelisco de Luxor dedicado a Ramsés II instalado em 1833 na Praça da Concórdia em Paris.

As galerias e museus deixaram gradualmente de ser territórios condicionados às elites e ao academismo que ditava dogmas e modelos de como cultivar as “belas” artes.

Em Portugal o liberalismo extinguiu no séc. XIX as ordens religiosas e ao desocupar edifícios criou oportunidades para a criação de museus, arquivos e bibliotecas. Uma portaria de 1836 determinou que todas as capitais distritais tivessem os seus museus, gabinetes de pintura e de “raridades”.

Em 1883 surge o primeiro museu público, o Museu Portuense e no ano seguinte o Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia inaugurado por D. Luís I. Em 1911 este foi subdividido em Museu Nacional de Arte Antiga instalado nas Janelas Verdes e no Museu Nacional de Arte Contemporânea.

No séc. XX o conceito de museu evoluiu nas suas características, finalidades e especializações temáticas. Em Portugal com a implantação da democracia registou-se um enorme esforço de renovação teórica e um aumento de novas unidades museológicas

As cidades possuem hoje espaços de memória, de educação e investigação, marcados pela arquitectura e o turismo cultural. Surgiram também novas unidades expositivas destinadas ao mercado da produção artística contemporânea, galerias privadas e certames dirigidos a compradores institucionais e particulares

Muitos museus são hoje estruturas complexas, integram sistemas de comunicação, buscam centralidades e possuem corpos profissionais especializados. Outros projectos procuraram a afirmação das periferias, valorizando a história e património locais com modelos conceptuais alternativos, museus de território, ecomuseus e outros.

No Algarve existem dois museus com origem no séc. XIX, ambos situados em Faro, o ex - Museu Industrial Marítimo (1889) actual Museu Marítimo Ramalho Ortigão sob tutela do Museu de Marinha e o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique (1894) actual Museu Municipal de Faro. A maioria dos museus algarvios surgiu depois de 1974, predominando os de tutela autárquica.

A Lei - Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto), explicitou as funções museológicas e estabeleceu também os requisitos para pertença à Rede Portuguesa de Museus – RPM. Este enquadramento permitiu entre outros aspectos a evolução na democratização e também apoios técnico-financeiros a acções concebidas e propostas pelos museus portugueses.

No Algarve integram hoje a RPM os Museus Municipais de Albufeira, Faro, Portimão e Tavira.